

PT Chegar a Jesus através de Maria (*Testemunho do Pe. Dr. Michael Johannes Marmann*)

UMA EXPERIÊNCIA CHAVE

Para mim, partilhar uma experiência profunda e de longo alcance, significa falar de uma coisa que Deus, o Deus das nossas, vida e história, realizou. Este é o meu entendimento e gostaria que assim fosse compreendido o que, aqui, comunico e dou testemunho. Entretanto, estou convencido que este acontecimento não me foi, apenas, concedido pessoal e biograficamente mas, para o contar a outros. Trata-se de Maria (e do seu agir) mas, através d'Ela e n'Ela – na realidade trata-se de Cristo – como todos poderão perceber imediatamente.

Eu era um estudante de Teologia com 23 anos nos princípios da década de 1960, aberto a tudo o que era novidade na minha época e na ciência, uma coisa normal entre companheiros e pessoas com ideias afins, especialmente quando, o que estava em causa era o não convencional, o alternativo. Ou seja, um seminarista mais ou menos normal: moderno mas, (claro) não pós-moderno. Ainda me faltavam dois anos para a minha Ordenação Sacerdotal mas, para o meu gosto, um longo tempo para fazer experiências não apenas, profissionalmente mas também, vocacionalmente. Apesar do (ou devido a isso) fim dos meus estudos oficiais na Universidade de Bona, eu andava em busca de como deveria moldar a minha vida. Aliás, apesar de toda a minha abertura ao secularismo, eu estava, fundamentalmente seguro da minha fé e decidido a defendê-la.

Como muitos dos meus companheiros de estudos, tinha a atitude de muitos intelectuais ou académicos – mesmo católicos – face a elementos demasiado conservadores e tradicionais: ou os ignorava ou, os rejeitava sob protesto: considerava-os irrelevantes. Isto incluía a veneração a Maria. Preferia, como na altura dizia, dirigir-me a um santo desconhecido do que a esta senhora.

Uma vida bastante agitada, para não dizer, turbulenta no seminário, um pouco antes [do ano de 68](#), tanto por fora como por dentro. Uma vez, pouco antes da meia-noite, regressei de uma viagem (sem autorização) pelo centro de Colónia. O meu quarto era a poucos metros da entrada da capela da casa e, senti-me atraído a fazer uma breve oração na obscuridade da capela. Tudo estava tranquilo e escuro, excepto duas velitas que iluminavam, de modo ténue, o meio ambiente. Uma luz estava ao pé do Tabernáculo: presença real do Senhor no Sacramento da Eucaristia; a outra luz estava em frente da estátua de Nossa Senhora, com a invocação de “Sede de Sabedoria”. Quando estava assim em oração, recapitulando o dia com toda a sua tralha e tentando ter uma atitude de recolhimento no exame de consciência, olhei para a figura, pouco iluminada de Maria. Então, surgiu em mim uma pergunta peculiar: Será que podia tratar Maria por “tu”? Aparentemente isto foi para mim uma questão real -apesar dos cânticos e orações a Maria, apesar do Terço e das peregrinações e festas marianas! E, ainda recordo vivamente que, achei esta pergunta, não apenas, inspiradora mas, emocionante. Eu estava tão longe de Nossa Senhora, tão longe de ter uma relação vital com Ela!

Sem me poder lembrar de uma resposta específica, ficou claro para mim e como uma coisa óbvia: *e porque não?* Não sei quanto tempo passei nesta meditação nocturna; o significado deste processo mal chegou ao meu consciente. De uma só coisa me lembro muito bem, como se fosse uma coisa inevitável: que me foquei na outra luz, a do Tabernáculo. De repente, Cristo estava ali, Ele próprio, vivo e, por assim dizer, tangível. Fascinou-me e preencheu-me como se nada mais pudesse ser importante para a minha existência. Em questão de segundos, num momento, dei-me conta que eu tinha um contacto real, profundo, de alma com Jesus! Se tinha um grande interesse na Palavra de Deus, na exegese, também na estrutura da Liturgia e, não era só interesse: despertava em mim a criatividade e o meu compromisso entusiasmado: tudo tinha que ter sempre muito estilo e achava que muitos trabalhos sobre a Bíblia eram uma obra literária fabulosa... Mas agora, de repente, como se fosse um milagre, tudo era diferente. Na Eucaristia eu tinha um encontro real com Jesus, “o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim” (Gálatas 2, 20); nas Escrituras é Ele próprio quem me fala: “O Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Um processo exemplar que me permitiu experimentar sem querer e sem o merecer: chegar a Jesus através de Maria. A partir desse momento, a minha vida (religiosa) mudou completamente. Do cristianismo como ideia, para a fé, do pensamento, para a vida. Olhando para trás, muitas coisas se tornam claras, assustador somente é que eu tenha vivido os meus anos de trabalho eclesial e teológico achando que isso era o normal da vida cristã. Foi só mais tarde que descobri todas as implicações desta experiência chave que determinou a minha vocação futura.

Eu era um honesto crente em Cristo, aberto aos mais elevados valores, candidato ao sacerdócio (católico) e, apesar de alguns desvios e irregularidades tinha permanecido no meu caminho. Mas, eu tinha um pensamento e uma vida equivocados! Sem censura! Obviamente, eu, para dar ênfase só a este ponto que, era apenas a ponta do iceberg, Jesus e Maria eu não os pensava como uma unidade. Maria era, por assim dizer, inexistente e, deste modo (pelo menos para mim) a relação com Jesus não era vital, faltava-lhe a alma.

Claro que, eu sabia tudo acerca da Virgem de Nazaré (por exemplo, tudo o que está na Bíblia) mas, não estava consciente, ou melhor dizendo, não A relacionava com Cristo e, a informação que tinha na cabeça não chegava ao coração. Tive que o descobrir de um modo sensível e nobre. O coração que, aparentemente, tentava dizer “tu” estava “desligado”, só quando estava “ligado” é que podia virar-se totalmente para Jesus para O aceitar.

Anos mais tarde, conheci nos Estados Unidos, o Fundador do Movimento de Schoenstatt, o Padre José Kentenich, onde cumpria o exílio ditado pela Igreja que não compreendeu a sua missão carismática e o mantinha categoricamente separado da sua fundação. Quando lhe falei dos começos da minha relação com Maria, respondeu-me:” Quando você gostar de Nossa Senhora, somos amigos”. Ao longo de décadas aprendi a conhecer as suas preocupações e a minha primeira experiência com Maria, tornou-se cada vez mais clara nos seus, significado e alcance: de um pensamento pouco são, doente, a que o Padre Kentenich chamou “separatista” ou “mecanicista”, fui conduzido a um pensamento global, capaz de ver e pensar o que está unido e a que ele chamou: o pensar, viver e amar orgânicos.

Fonte: Was Maria mir bedeutet - durch Maria zu Jesus gelangen, publicado em: Friedrich Aschoff, Franziskus Joest, Michael Marmann (autores.), Zuneigung. Christliche Perspektiven für Europa, Präsenz Kunst und Buch, 2007, citado de: Streiflichter auf Spuren des Lebens, Homenagem pelos 80 anos do Pe. Michael Joh. Marmann, Munich 2017, pág. 18-21

Original: alemão: Tradução: Lena Castro Valente, Lisboa, Portugal